

I CONGRESSO DO BOMBO

28 e 29 Novembro 2015 – Aula Magna, Lisboa

Painel1-Parte2 – Manuel Rocha

Realmente, muito brevemente para depois podermos discutir, de facto, sobre duas coisas que foram aqui ditas e que são muito importantes - a música tem, de facto, um conjunto de utilidades adjacentes, digamos assim, um conjunto de efeitos secundário que são bons, mas a música é sobretudo importante para a música; a música é sobretudo importante para que haja a passagem de sinais identitários e a gestação do grupo, a gestação daquilo que é a partilha dos conhecimentos, a partilha dos saberes e o prazer, o prazer que, penso eu, que em todas as nossas coisas - alias quando foi criado o pecado foi exactamente porque o prazer estava a assumir proporções tão grandes que tinha que pôr um bocado de pecado na coisa senão era uma desgraça. E portanto, de facto, o prazer que os miúdos têm e os graúdos e toda a gente tem em fazer música e em partilhar saberes, e depois há a parte ideológica da coisa, digamos assim, se nós havemos de ensinar as crianças alguma coisa, então que lhes ensinemos pelo menos que lhes demos conhecimento daquilo que é a sua realidade nacional, local, internacional, todas elas, isto é, que se possa fazer com eles tenham nas mãos um conjunto de ferramentas e um conjunto de saberes que lhes façam depois fazer escolhas; ao fim ao cabo essa questão parece-me ser importante. Por outro lado é necessário intervir a nível, aquilo que o Domingos Morais disse é fundamental, nós não podemos criar, nós temos o discurso da estabilidade governativa como aquilo que é mais sagrado no mundo e é verdade, é bom ter estabilidade governativa, mas a estabilidade laboral é muito mais importante que a estabilidade governativa - até é um alívio de vez em quando, quando se muda de governo - agora mudar de emprego nem sempre é um alívio; a questão que se coloca, de facto, é de nós não conseguirmos estabelecer nas escolas - as AEC'S são um paradigma desastroso - estabelecer nas escolas um conjunto de quadros que vão fazer com que uma organização possa crescer solidariamente, isto é, com que as pessoas saibam que para o ano estarão lá e portanto podem desenvolver trabalho a longo prazo e estabelecer ligações entre si que permitam, de facto desenvolver esses laços e esses projectos. A música aparece curricularmente na vida das nossas crianças no 2ºciclo no antigo ciclo preparatório que era o meu tempo, numa altura que as hormonas tem muito mais importância do que qualquer música, e portanto numa altura que já não é possível sequer nós educarmos a procura por alguma coisa, nós vamos mesmo ter que gramar com a Florbela e vamos ter que de facto para os captar de ir buscar os gostos deles

porque eles não conseguiram criar gostos, os gostos que as crianças tem, que o público em geral tem, é um gosto que é fabricado a partir de fora, a partir duma grande máquina, de uma poderosa máquina de propaganda que faz com que nós gostemos quase todos das mesmas coisas. Mas a vida não é assim. Aqui há tempos eu fui convidado pelos bombeiros voluntários de Condeixa-a-Nova, uma terra lá ao pé da minha terra, Coimbra, para falar sobre música clássica. Falar sobre música clássica é capaz de ser complicado, mas não, eu arranjei 30 temas de música clássica e pedi ao auditório, que não era muito vasto mas era aquele que estava, de pessoas a mais diversas, que levantassem a mão de cada vez que reconhecessem o tema, e aquelas pessoas todas, das mais diferentes origens digamos assim, culturais, sociais, etc, quase todas levantaram a mão - pelo menos todas levantaram a mão em 25 temas, houve 5 que não terão reconhecido. Ora significa que a música, mesmo a música clássica, fará parte do seu universo. Curiosamente se eu mostrasse, e também fiz isso noutra ocasião, se eu mostrasse temas de música tradicional portuguesa ninguém me saberia levantar a mão; nós não conhecemos aquilo que temos - acho que foi o Pedro que disse, há bocado, que nós não podemos gostar daquilo que não conhecemos e esta é uma questão fundamental, de facto, de conhecer as coisas. Portanto, ao nível do currículo e do conhecimento, nós temos muita coisa a fazer e ao nível depois da programação da escola. Vou-vos dar dois exemplos de coisas que nós fizemos em Coimbra: nós instalamos uma turma na Lousã, que é uma terra ao pé de Coimbra, e este ano instalamos uma turma na Sertã que é ainda mais longe ao pé da Pampilhosa da Serra. Na Lousã nós aceitamos que se fizesse a lei da oferta e da procura, todos os miúdos escolheram violino, guitarra e piano que são os reis do conhecimento. Ninguém escolheu mais coisa nenhuma, correu mal, temos essa experiência, há 4anos correu muito mal porque, de facto, nós não conseguimos criar ali contexto de concertação entre os músicos porque o pianista, enfim, pode ser meio solitário, porque o violista...pois, não ouve conciliação. Este ano tivemos um bocado mais de juízo, fomos ter com as bandas filarmónicas e perguntamos o que vocês precisam e o que vocês não têm. Eles precisavam de clarinete, precisavam de tuba, o que eles não tinham: não tinham oboé não tinham fagote, não tinham percussão profissionalizada, digamos assim, tinham caixa e tinham baterista. Aquilo que nós fizemos foi plantar ali na Sertã com, enfim, com a vontade do nosso lado das bandas filarmónicas de uma escola com 40 crianças que vão aprender instrumentos dos quais precisam para a banda filarmónica e dos quais outros instrumentos que a banda filarmónica vai precisar no futuro que é o fagote, a trompa e o oboé e a percussão, neste caso, com a marimba. Isto exige investimento e portanto aquilo que nós estamos a

falar é só de política não estamos a falar de mais nada; estamos a falar de política, falamos de política quando falamos de emprego, falamos de política quando falamos de criar condições para que a própria mensagem ideológica da música passe, falamos de política quando falamos de criar escolas e, portanto, estas questões tem que ser vistas num conjunto e nós temos mesmo que ter interlocutores e não são só os interlocutores municipais, que em muitos casos fazem aquilo que os governos não fazem, nós temos mesmo que ter interlocutores ministeriais para que as próprias câmaras e para que as próprias associações possam ter esta intervenção. Há bocado estava a falar com o Rui Júnior, nós precisamos nas escolas de formadores, tu falaste da formação - a formação é fundamental. Sem formação nós não conseguimos ter crescimento. Nós todos, professores que estão no terreno, precisam de formar, precisam de conhecer coisas, e só conseguiremos conhecer coisas quando o Rui nos for ensinar os ritmos tradicionais portugueses, quando o tocador de trancanholas que ali está for ensinar a tocar trancanholas e castanholas, quando este tipo de saberes de facto poderem intervir nas escolas, porque nós estamos a falar da escola. Há outras coisas que não precisam da escola para nada - aqueles tocadores de trancanholas, na minha opinião, não precisam de escola para nada; a escola não tem de estar em todo o lado, o que tem de estar em todo o lado é a informação, é a coisa, é o objecto. Uma vez, em Trás-os-Montes, naquele documentário que a gente fez, eu perguntei: ah e tal um tocador de caixa é fantástico - e ele disse: sabe amigo, isto é como, tudo isto não se ensina, isto aprende-se - não é? - e isto é verdade, isto não se ensina, isto aprende-se, e eu, "rais" parta, realmente há coisas que não se ensinam, aprende-se. Há bocado aqui o meu companheiro de mesa também me falava sobre a questão de ouvir as coisas e fazer com que a linguagem seja a reprodução daquilo que se ouve e aquilo que se quer fazer. Portanto, relativamente a escola, nós temos que estruturar o ensino que é sobretudo ligado ao conhecimento, e ir para as experimentação. Já foi bom acabamos com o exame da 4ª classe; agora precisamos de acabar com todas as barreiras que fazem com que o conhecimento seja qualquer coisa de avaliável, porque no dia que nós terminarmos com a avaliação no nosso país vamos ter um país fantástico. É o que eu acho.